



**Sessão Plenária de
Estrasburgo
11 a 14 de Setembro de 2017**





Segunda-feira, dia 11 de Setembro



Sessão Plenária de Estrasburgo - 11 a 14 de Setembro

Sobre a proposta de decisão do Conselho relativa à celebração, pela União Europeia, da Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica.

- **Fonte1: Público - 26 de Julho de 2017**
Link: <https://www.publico.pt/2017/07/26/sociedade/noticia/participacoes-de-violencia-domestica-triplicaram-desde-o-principio-do-seculo-1780342>

Participações de violência doméstica triplicaram desde o princípio do século

No ano passado, houve 32507 participações, segundo Relatório Anual de Segurança Interna, que está disponível no site da Assembleia da República

As forças de segurança registaram mais de 32 mil ocorrências de violência doméstica no ano passado, de acordo com o último Relatório Anual de Segurança Interna, que está disponível no site da Assembleia da República. O distrito de Lisboa, como de costume, liderou o número de participações feitas à PSP e à GNR (6161).

A análise temporal revela que o número de denúncias disparou desde que a violência doméstica se tornou um crime público, em 2000. As polícias somaram 11.162 ocorrências em 2000, 12.697 em 2001, 14.071 em 2002, 17.527 em 2003. A tendência sofreu uma ligeira quebra em 2004 (15.541) e logo recuperou (18.193 em 2005, 20.595 em 2006, 21.907 em 2007, 28.381 em 2008).

Seria, diziam os especialistas, o resultado das estratégias de combate a um crime marcado pelo medo e pela vergonha. Haveria maior consciência social de que a violência doméstica é crime e respostas mais eficazes para as vítimas.

O número de participações deu sinais de estar a estabilizar (26.678 ocorrências em 2012, 27.318 em 2013, 27.317 em 2014), mas voltou a aumentar nos anos mais recentes. Em 2015, houve 31.681 participações. No ano passado, 32.507, o que representa quase três vezes mais do que no início deste século.

Lisboa, o distrito mais povoado, tende a liderar o número de denúncias. Seguem-se o Porto (4903 em 2016) e Setúbal (2268). Quando o critério é a taxa de incidência a liderança cabe às regiões autónomas dos Açores (4,09) e da Madeira (4,03). A taxa de incidência mais baixa é a de Beja (1,93).



Sessão Plenária de Estrasburgo - 11 a 14 de Setembro

Sobre a proposta de decisão do Conselho relativa à celebração, pela União Europeia, da Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica.

- Fonte2: TVI24 - 27 de Março de 2017
Link: <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/violencia-domestica/todos-os-dias-14-mulheres-sao-vitimas-de-crime-em-portugal>

Todos os dias, 14 mulheres são vítimas de crime em Portugal

Números da APAV revelam um aumento de 8,1% no número de atendimentos, mas não só relativos a mulheres. Três idosos, duas crianças e dois homens são também, em média, vítimas de crime todos os dias

Todos os dias, em média, 14 mulheres, três idosos, duas crianças e dois homens são vítimas de crime, segundo dados divulgados esta segunda-feira pela APAV relativos a 2016, que apontam um aumento de 8,1% no número de atendimentos.

Segundo as Estatísticas da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) – Relatório Anual 2016, foram apoiadas no ano passado pela associação 5.226 mulheres (em média 100 por semana), 1.009 pessoas idosas (19 por semana), 826 crianças e jovens (16 por semana) e 826 homens (16 por semana), segundo as Estatísticas da APAV – Relatório Anual 2016.

Em 2016, a APAV realizou 35.411 atendimentos, um número que aumentou 8,1% nos últimos três anos (32.770 em 2014 e 34.327 em 2015).

Destes atendimentos resultaram 12.450 processos de apoio à vítima, nos quais se identificaram 9.347 vítimas diretas de 21.315 crimes e outras formas de violência.

Dos 12.450 utentes assinalados pela APAV em 2016, 9.347 foram vítimas de crime, das quais 7.654 eram mulheres (81,9%), com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (40,6%) e viviam numa família nuclear com filhos (35%).

Das vítimas que indicaram o seu estado civil, 28,6% eram casadas e 21,1% eram solteiras. Os dados apontam que mais de um terço pertencia a uma família nuclear com filhos e 11,5% a famílias monoparentais.

Apesar de cerca de 30% das vítimas estarem empregadas, há “um número ainda significativo” que se encontrava numa situação de desemprego (16%), sublinha o relatório, acrescentando que 92% das vítimas eram portuguesas, sendo que a maioria residia nos distritos de Lisboa, Porto, Faro e Setúbal (52,3%).

No que diz respeito à relação da vítima com o/a autor/a do crime, continuam a prevalecer as relações de cônjuge, companheiro, ex-cônjuge, ex-companheiro, ex-namorado e namorado/a, totalizando 59% do total dos casos.



Relativamente à escolaridade, o ensino superior evidenciava-se (7,4%) face aos restantes graus de ensino conhecidos.

Cerca de 80% dos 9.625 autores de crime registados pela APAV em 2016, eram homens, com idades entre os 35 e os 54 anos (23,1%).

Dos níveis de escolaridade referenciados, destacam-se o ensino superior, o ensino secundário e o ensino básico de 3º ciclo, perfazendo um total de 16,7%.

Tal como no caso das vítimas, também o autor do crime se encontrava maioritariamente no estado civil de casado (29,6%), seguindo-se os solteiros (11,3%). Em mais de 30% das situações, estes encontravam-se empregados.

O tipo de vitimação continuada (76%), com uma duração entre dois e seis anos (15,6%), prevaleceu no ano de 2016.

Em mais de 50% das situações, o crime ocorreu na residência comum da vítima e do autor do crime, seguindo-se a residência da vítima (16,7%).

Das situações que chegaram à APAV em 2016, 41% foram alvo de queixa numa entidade policial.

Relativamente aos crimes e outras formas de violência registados, destacam-se os crimes contra as pessoas, que representam 93,3% do total. Destes, o destaque vai para os crimes de maus-tratos físicos e psíquicos (77%).

O relatório destaca ainda outras formas de violência, com o crime de 'stalking' (assédio persistente), com 411 registos (1,9%), e o 'bullying' (109).

Quanto aos crimes contra o património, o crime de dano foi com que mais se evidenciou, com 173 casos (0,8%), adianta o relatório

Os órgãos de polícia criminal (GNR, PJ e PSP) no seu conjunto foram as entidades que mais cooperaram com a APAV, perfazendo um total de 31,5%.

Sessão Plenária de Estrasburgo - 11 a 14 de Setembro

Sobre a proposta de decisão do Conselho relativa à celebração, pela União Europeia, da Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica.

Segunda-feira, dia 11

Apresentação de relatórios:

Relatório sobre a proposta de decisão do Conselho relativa à celebração, pela União Europeia, da Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica.

**Relatores: Christine Revault D'Allones Bonnefoy (S&D) e Anna Maria Corazza Bildt (PPE)
Comissão das Liberdades Cívicas, da Justiça e dos Assuntos Internos
Comissão dos Direitos da Mulher e da Igualdade dos Géneros**

- **Alguns dados em ter em conta antes da leitura do relatório:**

- Uma em cada três mulheres na UE sofreu violência física e / ou sexual desde os 15 anos de idade;
- 75% das mulheres num elevado cargo profissional ou numa posição de chefia sofreram assédio sexual;
- Uma em cada dez mulheres sofreu assédio sexual através das novas tecnologias.
- A violência de género pode ser definida como a violência dirigida contra uma pessoa por causa do género dessa pessoa (incluindo identidade / expressão de género) ou como violência que afeta pessoas de um género em particular desproporcionalmente. Mulheres e meninas, de todas as idades e origens, são mais afetadas pela violência baseada no género. Pode ser físico, sexual e / ou psicológico, e inclui violência em relacionamentos próximos; violência sexual (incluindo estupro, agressão sexual, assédio ou perseguição); escravidão; práticas prejudiciais, como casamentos forçados, mutilações genitais femininas (MGF) e os chamados crimes de "honra" e Ciber-violência e assédio usando novas tecnologias;
- As mulheres com deficiência têm uma probabilidade 1,5 a 10 vezes maior de serem objeto de atos de violência com base no género;
- Em Portugal, em 2016, o crime de violência doméstica aumentou 1,8% em relação a 2015;
- Um terço de todas as mulheres na Europa sofreu atos de violência física ou sexual pelo menos uma vez na vida adulta;
- 20 % das jovens (18-29 anos de idade) foram vítimas de assédio sexual em linha;
- Uma em cada cinco mulheres (18 %) foi vítima de perseguição;
- Uma em cada vinte mulheres foi violada e mais de uma em dez sofreu violência sexual envolvendo falta de consentimento ou o uso de força, sem que a maioria dos incidentes de violência tenha sido comunicada às autoridades;- De acordo com a avaliação do valor acrescentado europeu, o custo anual para a

UE da violência contra as mulheres e a violência com base no género foi estimado em 228 mil milhões de euros, dos quais 45 mil milhões de EUR/ano sob a forma de despesas de serviços públicos e estatais e 24 mil milhões de EUR em perdas na produção económica;

- A violência com base no género afeta mais de 250 milhões de mulheres e raparigas na UE e tem um enorme impacto na sociedade, aumentando o receio e a polarização e contribuindo para o stress e as doenças mentais, já que ameaça a segurança de metade da população;
- O Instituto Europeu para a Igualdade de Género (EIGE) estima que o custo da violência sexual para a sociedade se eleva, na UE, a 226 mil milhões de euros por ano;

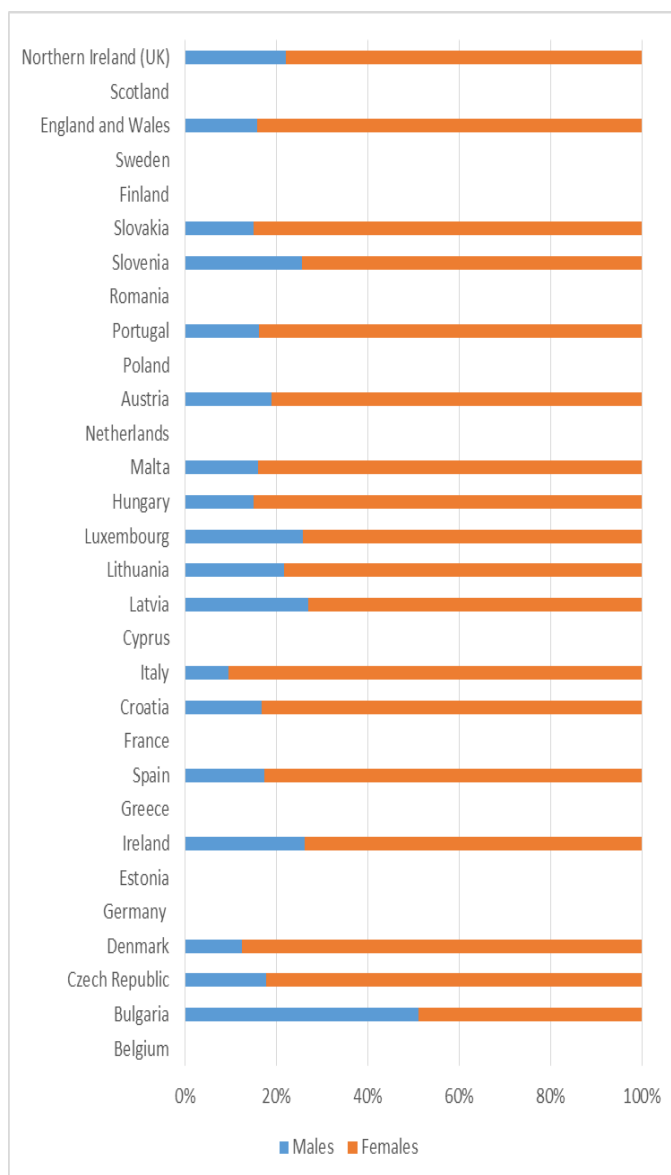
Violência Sexual*

Vítimas

Por cem mil habitantes

Género	Homens	Mulheres
GEO/TIME	2014	2014
Bulgária	6,52	6,24
República Checa	3,68	17,07
Dinamarca	6,95	49,17
Irlanda	30,86	87,27
Espanha	6,81	32,47
Croácia	3,56	17,57
Itália	1,18	11,11
Letónia	3,49	9,41
Lituânia	1,77	6,36
Luxemburgo	30,90	88,87
Hungria	0,79	4,50
Malta	5,65	29,58
Áustria	5,37	22,89
Portugal	4,54	23,37
Eslovénia	5,49	15,96
Eslováquia	3,18	18,08
Inglaterra e Gales e Escócia	18,90	101,46
Irlanda do Norte	27,51	96,81

*Os países da UE que não se encontram apenas não aparecem porque não possuem dados do ano em questão.



- **Processo de fontes:**

- No presente relatório, as relatoras condenam todas as formas de violência contra as mulheres e lamenta que as mulheres e as raparigas estejam muitas vezes expostas a violência doméstica, assédio sexual, violência psicológica e física, perseguição, violência sexual, violação, casamento forçado, mutilação genital feminina, aborto forçado, esterilização forçada, exploração sexual e tráfico de seres humanos, bem como a outras formas de violência, que constituem uma grave violação dos seus direitos humanos e da sua dignidade;

- As relatoras salientam que a Convenção de Istambul estabelece que a cultura, os costumes, a religião, a tradição ou a chamada “honra” não podem, em caso algum, justificar atos de violência contra as mulheres;

- As relatoras considera que a recusa de prestar serviços ligados aos direitos e à saúde sexual e reprodutiva, incluindo o aborto seguro e legal, constitui uma forma de violência contra as mulheres e as raparigas;

- Reiteram que as mulheres e as raparigas devem ter o controlo do seu corpo e da sua sexualidade;

- Salientam que a gravidez forçada é definida como crime contra a humanidade no artigo 7.º do Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional, de 17 de julho de 1998, e constitui uma forma de violência com base no género contra as mulheres e uma violação grave dos direitos humanos e da dignidade das mulheres e das raparigas;

- Apelam à Comissão para que apresente uma proposta de ato jurídico destinado a apoiar os Estados-Membros na prevenção e supressão de todas as formas de violência contra mulheres e raparigas e de violência baseada no género;

- Exortam o Conselho a aplicar a cláusula «passerelle» através da adoção de uma decisão unânime que identifique a violência contra as mulheres e as raparigas (e outras formas de violência baseada no género) como um dos domínios de criminalidade ao abrigo do artigo 83.º, n.º 1, do TFUE;

- Instam a Comissão a rever a Decisão-Quadro da UE atualmente em vigor relativa à luta contra certas formas e manifestações de racismo e xenofobia por via do direito penal, a fim de incluir o sexismo, o crime motivado por preconceitos e a incitação ao ódio com base na orientação sexual, na identidade de género e nas características sexuais;

- Exortam a Comissão a criar um Observatório Europeu sobre a Violência de Género (na linha do atual Instituto Europeu para a Ig

ualdade de Género;

- **Opiniões Minoritárias**

- Ana Záborská pensa que Nenhuma sociedade civilizada pode tolerar a violência exercida contra as mulheres e a violência doméstica. Todos os Estados-Membros da UE criminalizam o comportamento violento contra as mulheres e as crianças, protegem as vítimas e envidam esforços permanentes para prevenir a ocorrência desses atos de violência.

- Já Marek Jurek escreve que uma adesão da União Europeia à Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica não se justifica de forma alguma, nem jurídica nem factualmente. Para isso apresenta o facto de que a Convenção encontrou resistência em vários Estados-Membros – não em razão da necessidade evidente de lutar contra a violência, mas devido à forma como esse combate deve ser efetuado – a ambição da UE de aderir à Convenção interfere com os debates legítimos realizados nos Estados-Membros (incluindo nos maiores e mais antigos Estados-Membros, como a Alemanha).

- **Parecer da Comissão dos Assuntos Jurídicos:**

- No documento, a comissão recorda que os Estados-Membros, as instituições, as agências, os organismos e os gabinetes da União Europeia, assim como a União Europeia no seu conjunto, estão vinculados pelos Tratados e pela Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia ("a Carta"), nomeadamente pelos artigos 2.º e 3.º do Tratado da União Europeia (TUE) e pelo artigo 8.º do Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia, bem como pela Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, designadamente pelo seu artigo 23.º, a fim de garantir e a promover a igualdade entre homens e mulheres

- Reconhece que a violência doméstica afeta desproporcionalmente as mulheres, mas que os homens e as crianças também podem ser vítimas de violência doméstica, inclusive, enquanto testemunhas de violência no seio da família;

- Manifesta a sua preocupação pelo facto de a maioria dos incidentes de violência serem considerados uma questão do foro privado e, por conseguinte, tolerados e não comunicados às autoridades, o que demonstra que são necessárias medidas adicionais para encorajar as vítimas a comunicarem as suas experiências e a obterem assistência, e para garantir que os prestadores de serviços são capazes de dar resposta às necessidades das vítimas e de as informar sobre os seus direitos e formas de apoio existentes; recorda que as taxas de ação judicial nos casos de violência contra as mulheres são inaceitavelmente baixas

Lins úteis: <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//NONSGML+REPORT+A8-2017-0266+0+DOC+PDF+V0//PT>

http://ec.europa.eu/justice/genderequality/document/files/strategic_engagement_en.pdf



Terça-feira, dia 12 de Setembro



Sessão Plenária de Estrasburgo - 11 a 14 de Setembro

Sobre a situação na Venezuela.

- Fonte1: SIC Notícias - 24 de julho de 2017
Link: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagemespecial/2017-07-24-A-Minha-Outra-Patria-o-drama-da-Venezuela-no-Jornal-da-Noite>

(ver REPORTAGEM)

- Fonte 2: ntn24america - 15 de Junho de 2017
Link: <http://www.ntn24america.com/noticia/huyendo-de-la-crisis-40-mil-portugueses-en-venezuela-inician-el-retorno-a-madeira-144408>

Huyendo de la crisis, 40 mil portugueses residentes en Venezuela inician el retorno a Madeira

Son cerca de 40.000 y están en pleno descenso. Los portugueses y luso descendientes residentes en Venezuela empiezan a retornar al archipiélago de Madeira, el lugar del que emigraron hace 40 años y en el que esperan recuperar la normalidad que han perdido en el país.

El goteo de llegadas ha alcanzado tal magnitud que las autoridades de Madeira van a reforzar su presupuesto en Seguridad Social y Salud para atender al millar de venezolanos que se estima ya han retornado desde finales del año pasado a esta pequeña región de 267.785 habitantes situada en el Océano Atlántico.

Nadie sabe cuántos venezolanos entran cada día en Madeira para quedarse. Los últimos números oficiales, actualizados hasta mayo, dan cuenta de 692 venezolanos, el 82 % de ellos con nacionalidad portuguesa, inscrito para buscar trabajo en el Instituto de Empleo de Madeira (IEM).

Son un 245,7 % más que los venezolanos que buscaron trabajo en el archipiélago entre enero y mayo de 2016, alerta el IEM, cuya presidenta, Rita Andrade, apunta en declaraciones a Efe que podrían ser más los que han retornado ya.

Y es que, explica Andrade, no todos los que llegan se inscriben, principalmente porque están a la espera de obtener sus papeles de residencia o nacionalidad, teniendo en cuenta que la mayoría de los venezolanos que llegan a Madeira son hijos o nietos de los portugueses que emigraron.

Después, también está el caso de los hoy jubilados lusos que se marcharon a Venezuela entre la década de los 40 y los 80 -en este periodo se marchó el 80 % de los emigrantes portugueses- y que en algunos casos ahora necesitan ayuda para todo, desde comprar comida a encontrar dónde vivir.

Aunque el IEM advierte que es "probable" que en las actuales circunstancias no pueda dar trabajo a todos -el archipiélago tuvo una tasa de desempleo del 12,5 % en el primer



trimestre de este año-, los venezolanos no se desaniman, convencidos de que en la isla portuguesa les espera una vida mejor.

"La mayoría llega por falta de medicación y alimentación", cuenta a Efe la presidenta de la Asociación de la Comunidad de Inmigrantes Venezolanos en Madeira (Venecom), Ana Cristina Monteiro.

Venecom, formada por 28 venezolanos, se creó hace apenas dos meses al notar que sus compatriotas comenzaban a llegar a Madeira "más desorientados y con menos información", dejando entrever "un cuadro de crisis más agudo".

El trabajo de la asociación, explica Monteiro, consiste en "darles apoyo y ser un canal de intermediación con las instituciones y los organismos competentes" en aras de atender sus necesidades: tratamientos médicos, principalmente para dolencias crónicas, y alimentación, para lo que cuentan también con la ayuda de Cáritas.

Sobre a Sobre a situação na Venezuela.

- Fonte 3: Jornal da Madeira - 29/08/2017

Link: <https://www.jm->

[madeira.pt/index.php?/internacional/ver/13780/Venezuela Mortas 9927 pessoas entre 1 de janeiro e 13 de agosto deste ano](https://www.jm-madeira.pt/index.php?/internacional/ver/13780/Venezuela_Mortas_9927_pessoas_entre_1_de_janeiro_e_13_de_agosto_este_ano)

Venezuela: Mortas 9.927 pessoas entre 1 de janeiro e 13 de agosto deste ano

O Observatório Venezuelano de Segurança, organismo do Ministério do Interior, Justiça e Paz, divulgou ontem que foram assassinadas 9.927 pessoas na Venezuela entre 01 de janeiro e 13 de agosto.

Os Estados venezuelanos de Miranda, Aráguia e Zúlia são os que registaram mais homicídios ao longo das primeiras 32 semanas de 2017, com 1.816, 1.032 e 1.005, respetivamente.

Quanto à taxa de homicídios, Miranda e Aráguia registam 56 por cada 100 mil habitantes e Zúlia 24.

Na quarta posição está o Estado de Carabobo, com 945 homicídios, seguindo-se Bolívar, com 819, o Distrito Capital, com 803, Lara, com 450, Sucre, com 327, Monágas, com 209, Anzoátegui, com 285, Barinas, com 251, Guárico, com 238, e Trujillo, com 234.

Os dados incluem ainda os Estados de Táchira (226), Falcón e Portuguesa (cada um com 200), Yaracuy (154), Apure (135), Mérida (116), Amazonas (113), Cojedes (88), Vargas (75), Nova Esparta (60) e Delta Amacuro (46).

Na Venezuela, no mesmo período, registaram-se 114.913 outros delitos, que incluem resistência à autoridade, lesões pessoais, furto, roubo de viaturas, assaltos, sequestro e violação.

O Estado de Miranda, seguido pelo Distrito Capital, Carabobo, Aráguia e Lara lideram no que respeita a outros delitos, com 16.526, 12.952, 10.991, 7.768 e 6.448 delitos, respetivamente.

Segundo os dados, o objeto mais usado para cometer delito é a arma de fogo (92,5%), seguindo-se as armas brancas (4,5%), surgindo depois a força física ou material inflamável, com 1,5%.

O ajuste de contas (vingança) foi o principal motivo para os homicídios (74,6%), seguido pelo roubo (16,4%). Em 7,5% não foi possível determinar a causa, que em 1,5% dos casos foi a rixa.





Sessão Plenária de Estrasburgo - 11 a 14 de Setembro

Sobre a Sobre a situação na Venezuela.

Sobre a Venezuela e alguns números:

Capital: Caracas População: 30 693 827

Regime Político: Ditatorial

- Os medicamentos estão inflacionados mil vezes o valor original;
- O preço cobrado para transportar uma bagagem extra na TAP é de 100 euros;
- Os madeirenses representam 80% (280 mil) da comunidade portuguesa na Venezuela (350 mil);
- 250 toneladas de medicamentos retidos pelo governo, apenas da ajuda proveniente do Brasil;
- Apenas 3 laboratórios fabricam medicamentos para todo o país;
- A 19 de abril realizou-se a "mãe de todas as manifestações" em Caracas. Um Jovem foi baleado na cabeça. Nas últimas duas semanas, em conflitos e manifestações, 6 pessoas morreram e cerca de 200 ficaram feridas.
- Entre 1 de janeiro e 13 de agosto deste ano, 9.927 pessoas foram assassinadas
- No mesmo período acima referido, registaram-se 114.913 outros delitos, que incluem resistência à autoridade, lesões pessoais, furto, roubo de viaturas, assaltos, sequestro e violação.
- Preços de produtos de primeira necessidade estão inflacionados.
- Existem casos de pessoas que vivem com 10€ por mês.
- Até Julho de 2017, cerca de 5000 emigrantes voltaram por causa da crise económica, social e política na Venezuela.
- Durante o primeiro trimestre deste ano, o arquipélago da Madeira tinha uma taxa de 12,5% de desemprego.

Mais estatísticas sobre a Venezuela: <https://pt.actualitix.com/pais/ven/estatistica-populacao-venezuela.php>.





Quarta-feira, dia 13 de Setembro



Sessão Plenária de Estrasburgo - 11 a 14 de Setembro

Sobre a Segurança contra incêndios em edifícios.

- Fonte 1: Diário de Notícias - 23/06/2017

Link: <http://www.dn.pt/mundo/interior/incendio-na-torre-grenfell-comecou-num-frigorifico-8585219.html>

Incêndio na torre Grenfell começou num frigorífico

Revestimento falhou testes de segurança. Polícia metropolitana admite avançar com acusações de homicídio

O incêndio na torre Grenfell, que causou a morte a 79 pessoas, começou num frigorífico, e o revestimento exterior falhou os testes de segurança. São as primeiras conclusões do inquérito ao incêndio no prédio de habitação em Londres, a 14 de junho último, avançadas pela polícia, e que estão a ser noticiadas pelos media britânicos.

As conclusões da polícia vêm confirmar aquela que já era a hipótese tida como mais provável, face aos testemunhos de residentes, para a origem do incêndio - a explosão de um frigorífico. As autoridades britânicas falam num equipamento "defeituoso".

O isolamento e o revestimento do edifício falharam todos os testes de segurança e, de acordo com a superintendente Fiona McCormack, a polícia metropolitana de Londres admite avançar com acusações de homicídio.

Ontem, o gabinete da primeira-ministra britânica avançou uma estimativa de cerca de 600 torres de habitação no Reino Unido que poderão ter um revestimento semelhante ao que foi aplicado na torre Grenfell. Suspeita-se que os painéis inflamáveis no lado de fora do edifício tenham ajudado a propagar o incêndio da semana passada, pelo que o governo pediu às autoridades locais para averiguar o tipo de materiais usados no revestimento das torres de habitação social e para enviarem amostras para análise. Estão já confirmados sete casos de utilização do mesmo material.



Sessão Plenária de Estrasburgo - 11 a 14 de Setembro

Sobre a Segurança contra incêndios em edifícios.

- Fonte 2: RFI - 22/06/2017

Link: <http://br.rfi.fr/europa/20170622-cerca-de-600-edificios-na-inglaterra-tem-mesmo-revestimento-inflamavel-da-torre-ince>

Cerca de 600 edifícios na Inglaterra têm mesmo revestimento inflamável da torre incendiada

Quase 600 edifícios residenciais da Inglaterra têm um revestimento inflamável como o da Torre Grenfell, em Londres, cujo incêndio no último dia 14 deixou 79 mortos.

O governo ordenou a análise de todos os revestimentos de prédios altos do país, e o resultado mostrou que apenas três têm material inflamável. Porém as administrações locais calculam que o total chegue a 600.

Muitas pessoas acreditam que o material dos painéis que cobriam a Torre Grenfell foi responsável pela rápida propagação do fogo, aliada ao fato de que a separação entre o revestimento e o edifício criou um efeito chaminé que também contribuiu para acelerar a tragédia.

O revestimento foi instalado como isolante e para embelezar o edifício, durante uma reforma em 2016.

Pouco antes da divulgação do número, a primeira-ministra Theresa May anunciou que havia ordenado análises em todos os revestimentos dos edifícios do país.

"Pouco antes de vir para a Câmara dos Comuns, fui informada de que alguns testes revelaram que eram inflamáveis", disse May em um discurso no Parlamento sobre o incêndio.

"As autoridades e os serviços de bombeiros locais foram informados e, enquanto eu falo, eles estão tomando todas as medidas necessárias para assegurar que os edifícios sejam seguros e para informar os vizinhos afetados", explicou a premiê.

Combustão pode liberar cianeto

Analistas opinam que a combustão dos painéis pode ter produzido fumaça tóxica carregada com cianeto, que teria envenenado as vítimas.

O Hospital King's College informou que administrou um antídoto contra o cianeto, o Cyanokit, em pelo menos três vítimas do incêndio.

A fabricante dos painéis, Celotex, admitiu que o revestimento poderia liberar "gases tóxicos" em um incêndio.

De acordo com o Serviço Nacional de Saúde (NHS), 10 pessoas continuam hospitalizadas pelo incêndio, cinco em estado grave.

A primeira-ministra não apontou diretamente o revestimento da Torre Grenfell como culpado pela rápida propagação das chamas, "mas, como precaução, o governo organizou a análise dos revestimentos em todos os edifícios relevantes".

May citou a ajuda fornecida às pessoas afetadas, depois que foi muito criticada por evitar os moradores no dia seguinte à tragédia, quando visitou o edifício do bairro de Kensington e Chelsea e se reuniu apenas com as equipes de resgate.

Muitos moradores eram imigrantes, e May tentou tranquilizá-los ao afirmar que seu status legal não será um obstáculo para receber ajudas: "Não haverá controles de imigração", prometeu.

Primeira demissão

Nesta quinta-feira (22), mais de uma semana após o incêndio, aconteceu a primeira demissão em consequência da tragédia, de Nicholas Holgate, diretor executivo da câmara de Kensington e Chelsea, o principal funcionário da administração local.

Na quarta-feira, May pediu perdão pela reação lenta e desorganizada das autoridades nos primeiros dias após a tragédia.

"Como primeira-ministra, peço desculpas por esse fracasso", disse no Parlamento, "foi um fracasso do Estado, em nível local e nacional".

O líder da oposição, o trabalhista Jeremy Corbyn, insistiu que a resposta foi caótica e exigiu que o governo repasse recursos aos conselhos locais para que "realizem imediatamente avaliações anti-incêndios e instalem aspersores de água" em todos, outra coisa que não existia na Torre Grenfell.

"Retirar os revestimentos que possuem materiais inflamáveis e instalar novos têm um grande custo", recordou Corbyn.

Na sexta-feira passada, sobreviventes da tragédia, parentes das vítimas e moradores do bairro expressaram toda sua revolta e invadiram a sede da administração do bairro de Kensington e Chelsea.

Os moradores afirmam que as autoridades locais ignoraram durante anos as denúncias de problemas no edifício na questão de combate às chamas.

Sessão Plenária de Estrasburgo - 11 a 14 de Setembro

Sobre a Segurança contra incêndios em edifícios.

- Fonte 3: Diário de Notícias - 28/06/2017
Link: <http://www.dn.pt/mundo/interior/balanco-definitivo-de-incendio-de-londres-so-daqui-a-varios-meses---policia-8598420.html>

Balanço definitivo do incêndio da torre Grenfell só daqui a vários meses

A polícia ainda não conseguiu contactar ocupantes de 23 dos 129 apartamentos

A polícia britânica confirmou esta quarta-feira que serão necessários vários meses para se conhecer o balanço definitivo do incêndio na torre Grenfell em Londres, com um número de mortos estimado atualmente em cerca de 80.

"Pensamos que cerca de 80 pessoas estão mortas ou presumivelmente mortas" devido ao incêndio que destruiu o edifício de habitação social na noite de 13 para 14 de junho, declarou Fiona McCormack, uma das responsáveis da polícia de Londres, numa conferência de imprensa.

O balanço mantém-se, portanto, próximo do último divulgado pela polícia que era de 79 mortos ou presumivelmente mortos

"Serão necessários longos meses antes de podermos fazer um balanço definitivo", disse McCormack. As operações de recuperação dos corpos continuarão "até ao final do ano".

A responsável da Scotland Yard precisou que a polícia ainda não conseguiu contactar com os ocupantes de 23 dos 129 apartamentos da torre, situada num dos mais ricos bairros de Londres, em Kensington e Chelsea.

"Isso leva-nos a pensar que ninguém daqueles 23 apartamentos sobreviveu", sublinhou.

Antigos habitantes do prédio, que duvidam do balanço da polícia, fizeram tentativas próprias para determinar o número de desaparecidos, informou hoje o jornal The Guardian.

Um deles, Sajad Jamalvatan, um estudante de engenharia biomédica que vivia no 3.º andar da torre, declarou ao diário britânico que o número de mortos ultrapassará provavelmente os 120.

A tragédia continua a provocar agitação entre a classe política e provou hoje no parlamento um confronto verbal entre a primeira-ministra, Theresa May, e o chefe da oposição trabalhista, Jeremy Corbyn.

Este acusou a política de austeridade do governo conservador de ser em parte responsável pelo drama.

"Quando cortam os orçamentos das autoridades locais em 40% pagam o preço em termos de segurança pública", disse Corbyn.

May respondeu-lhe que o revestimento posto em causa no incêndio tinha começado a ser utilizado durante o governo do trabalhista Tony Blair e apelou aos partidos políticos para



"procurarem em conjunto as razões" destas falhas em vez de passarem a responsabilidade aos outros.

Até agora o governo britânico identificou cerca de 600 prédios no Reino Unido com um revestimento semelhante ao da torre Grenfell, suspeito de ter favorecido a propagação rápida do fogo.

As primeiras 120 torres analisadas numa grande operação de verificação a nível nacional não cumpriam os regulamentos anti-incêndio.

Sessão Plenária de Estrasburgo - 11 a 14 de Setembro

Sobre a Segurança contra incêndios em edifícios.

- **Fonte 4: Diário de Notícias da Madeira - 18/08/2017**
Link: <http://www.dnoticias.pt/hemeroteca/606354-intervencoes-nos-predios-ardidos-no-funchal-ja-comecaram-EMDN606354>

Intervenções nos prédios ardidos no Funchal já começaram

É um trabalho moroso, mas que já teve início no centro histórico do Funchal, uma das zonas mais afectadas pelos incêndios deste mês.

Uma equipa composta por 11 elementos vindos do Porto está a realizar trabalhos de avaliação dos prédios afectados, por forma a reabrir as estradas o quanto antes e oferecer todas as condições de segurança aos que por lá passam.

Manuel Rebelo de Carvalho, comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto, está na chefia do grupo formado por arquitectos, operacionais e até assistentes sociais, que prestam apoio psicológico às vítimas.

A zona de São Pedro foi a primeira a merecer a atenção destes profissionais, que se encontram a trabalhar lado a lado com os técnicos da Região.

Paulo Cafôfo, presidente da Câmara Municipal do Funchal, referiu que existe um fundo nacional para reabilitação urbana, que é constituído por mil milhões de euros, sendo que a autarquia pretende que parte desse valor possa ser canalizado para apoiar a reconstrução da cidade do Funchal.

O Gabinete de Apoio à Reconstrução do Funchal já está a proceder à identificação dos proprietários dos imóveis afectados, que serão notificados das intervenções que estão a ser realizadas.

Por seu lado, Manuel Rebelo de Carvalho explicou que a equipa está a realizar trabalhos de avaliação das infra-estruturas. A freguesia de São Pedro foi elencada como uma das prioritárias e, por isso, a primeira a ser alvo de intervenção. “A demolição será sempre a última acção a ser feita”, garantiu o comandante, acrescentando que as primeiras acções passaram pela mitigação de riscos. “A acessibilidade nesta área [São Pedro] é fundamental”, disse.



Sessão Plenária de Estrasburgo - 11 a 14 de Setembro

Sobre a Segurança contra incêndios em edifícios.

- Fonte 5: Diário de Notícias - 10/08/2017

Link: <https://funchalnoticias.net/2016/08/10/predios-afectados-na-urbe-queimaram-devagarinho-noite-dentro-habitantes-do-funchal-deambularam-pela-urbe/>

Prédios afectados na urbe queimaram devagarinho noite dentro, habitantes do Funchal deambularam pela urbe

Esta madrugada, entre as quatro e meia e as seis horas da manhã, sensivelmente, demos uma volta ao centro do Funchal, para aferir dos danos causados pelos incêndios em diversos prédios e casas

Encontrámos gente no terreno, a trabalhar, bombeiros, polícias e cantoneiros da CMF, mas confessamos que ficámos algo perplexos ao encontrar vários focos de fogo, embora reduzidos. Como não somos, de modo nenhum, versados no ofício de bombeiro, abstermo-nos de conclusões... Supomos que os bombeiros "deixam arder" os restos finais de um imóvel afectado por um incêndio, até não haver mais matéria combustível...

Mas não pudemos deixar de registar os pequenos fogos com a nossa câmara e de ficar algo perplexos, pelo risco que uma simples faúlha levada pelo vento pode representar para uma habitação antiga.

Mais estranhámos que o fogo grassava em várias casas destruídas na Rua do Matadouro, por detrás do quartel dos Bombeiros e no local onde presenciámos uma grande explosão, certamente de uma botija de gás, ao final da tarde de ontem, quando o trânsito era caótico no campo da Barca com as pessoas que tentavam desesperadamente fugir do Funchal nos seus automóveis. Muito perto do local a que nos referimos fica a bomba de gasolina da Galp... O que mais nos intrigou. Não se via nenhum bombeiro, mas entretanto chegou um carro da PSP que parou na zona e um agente saiu, observando o edifício e circundando-o.

Ali, o panorama era desolador. Dois moradores da zona passavam a noite inquietos, sentados em duas cadeiras e de máscaras para respirar no rosto. Dentro em breve, juntaram-se-lhes outros habitantes da área, que também não conseguiam aquietar e dormir.

Dentro das casas destruídas, a devastação. Um panorama desolador, à semelhança daquele que fomos encontrar nas proximidades do Centro Comercial de São Pedro, cuja entrada encontra-se encharcada.

Mas mesmo ao pé, de um lado e do outro da rua, encontram-se vários edifícios inteiramente destruídos, e no interior dos quais lavravam ainda pequenas labaredas. De vez em quando uma pequena rajada ocasional de vento levantava uma nuvem de faúlhas que caíam na rua.



Percorremos a artéria até à igreja de São Pedro, e entre esta e a igreja, fomos encontrar bombeiros e uma auto-escada. Observavam as imediações e pareciam avaliar se o tecto do templo cristão corria algum perigo. Mas o modo descontraído como se moviam nas proximidades de edifícios que, a nosso ver, podiam colapsar a qualquer momento indicava que olhavam a sua tarefa como apenas de rescaldo.

Encontrámos vários animais abandonados, assustados e sedentos nas ruas da cidade. E também humanos que pareciam não saber bem aonde se dirigir. Um senhor de meia-idade que estava em frente da igreja de São Pedro a observar o trabalho dos bombeiros confidenciou-nos que morava perto da Rua do Matadouro, mas tinha receio de voltar para casa. Pensara dirigir-se ao quartel do RG3, para passar a noite, mas mudara de ideia. E passara a noite toda a vaguear, esperando que nascesse o dia.

Estivemos dentro de prédios ainda ligeiramente em chamas, fotografamos, voltamos para casa. Entrámos quando nos apercebemos, à distância, de mais um fogo numa zona mais alta do Funchal, talvez para baixo do Monte. O ruído das labaredas ouvia-se à distância, bem como, aparentemente, uma garrafa de gás a explodir ao longe. Escrevíamos este texto quando de repente faltou a luz. Os problemas do Funchal ainda não estão terminados...

Update: a luz voltou uns quinze a vinte minutos depois, o que nos permitiu publicar este singelo texto às 6h45, sensivelmente...

Sessão Plenária de Estrasburgo - 11 a 14 de Setembro

Sobre a Segurança contra incêndios em edifícios.

- No dia 14 de Junho deste ano, um incêndio deflagrou num prédio de habitação em Londres.

- O incêndio na Torre de Grenfell começou após a explosão de um frigorífico, dado pela polícia local, após peritagem, por defeituoso.

- Segundo o último relatório oficial, morreram 80 pessoas. Habitantes do prédio dizem que o número de vítimas terá estado à volta das 120 pessoas.

- O edifício era revestido por painéis inflamáveis, que terão ajudado na propagação do incêndio. Os painéis foram colocados em 2016 como isolante.

- Na altura, o governo britânico estimou que cerca de 600 torres de habitação no Reino Unido utilizem o mesmo revestimento.

- Alguns analistas afirmam que a combustão dos painéis pode ter libertado fumo tóxico. No hospital King's College, pelo menos três vítimas foram administradas com Cyakonit, um antídoto contra o cianeto.

- No Funchal, o incêndio de 8 a 13 de Agosto afetou vários prédios na zona histórica da cidade. Para a recuperação dos edifícios foi utilizado o fundo nacional para reabilitação urbana.

- Dados de 2015 referem que na Europa, em média, 8 em cada milhão de pessoas morrem a cada ano e várias são hospitalizadas devido aos incêndios. Este risco tem sido abordado por governos que ajustaram continuamente as estratégias de segurança contra incêndios. Nos últimos 30 anos a quantidade de mortes por incêndio caiu 65% na Europa.

- Os efluentes de incêndio, incluindo fumo e fuligem, são sempre tóxicos, independentemente dos produtos envolvidos no incêndio. O risco de toxicidade dos gases de combustão resulta em qualquer incêndio de alguns componentes, entre os quais o monóxido de carbono.

- Enquanto o uso de plásticos em edifícios mais do que duplicou nos últimos 30 anos na Europa Ocidental, as mortes por incêndio diminuíram significativamente em cerca de 65%.

- Um exemplo específico vem da Alemanha, onde o isolamento de plástico tem a maior quota de mercado e onde a quantidade de acidentes de incêndio é inferior a metade da Dinamarca, onde os materiais minerais tradicionalmente não combustíveis são usados para o isolamento.

Links úteis:

<http://www.europarl.europa.eu/oeil/popups/ficheprocedure.do?lang=en&reference=2017/2764%28RSP%29>

http://www.plasticseurope.org/documents/document/20160108061146-final_updated_view_paper_on_fire_safety_03122015.pdf